

## ECONOMIA

# Nem Malan segura dólar e risco

Moeda americana fecha a R\$ 3,015 e risco-Brasil chega perto dos 2 mil pontos

RIO e BRASÍLIA

O apelo feito pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, para que os investidores tenham serenidade e uma visão de mais longo prazo na avaliação do Brasil não surtiu efeito no mercado financeiro ontem. Ao contrário, após a entrevista do ministro, ansiosamente aguardada pelos operadores, os indicadores financeiros do país pioraram sensivelmente. O dólar fechou cotado a R\$ 3,015, o quinto recorde consecutivo. O risco-Brasil disparou para 1.991, o maior da história do país, e a Bolsa de Valores de São Paulo despencou 4,64%.

Com o volume de negócios bastante reduzido, a moeda americana chegou a ser negociada a R\$ 3,038 pela manhã e caiu para R\$ 2,9850, logo após o governo comunicar que Malan faria um pronunciamento. A perspectiva de que fosse anunciado o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) fez a Bovespa sair de uma queda de quase 3% para 1,91%. Mas, ao fim do dia, sem acordo e sem anúncio de qualquer medida, o mercado voltou a ficar tenso: dólar, risco e juros dispararam e a Bovespa acentuou as perdas.

O argumento do mercado continua a ser a subida do candidato da Frente Trabalhista, Ciro Gomes, nas pesquisas eleitorais.

— Cada dia sem novidades aumenta o descrédito e o mercado vai na contramão dos fundamentos econômicos — diz Marcos Carneiro, da Mercatto Gestão de Recursos.

Para Malan, há uma ansiedade excessiva:

— É um exagero o grau de ceticismo e pessimismo que prevalece nos corações de alguns. Não há razões para não acreditar no Brasil — disse o ministro.

Segundo o ministro, o mercado externo deve se acalmar com as mudanças que já estão sendo feitas na legislação americana para evitar fraudes, como as que ocorreram nos EUA e afetaram a confiança dos investidores. No Brasil, disse ele, a equipe econômica tem mantido contatos com seus interlocutores nos organismos internacionais para dar uma resposta às turbulências.

O ministro enumerou uma série de indicadores para tentar mostrar a capacidade de o país honrar seus compromissos e manter a estabilidade. Ele destacou que o déficit em transações correntes, de US\$ 18,2 bilhões nos últimos 12 meses encerrados em junho, foi financiado por investimentos estrangeiros diretos de US\$ 22 bilhões no período. Ele lembrou que a dívida externa tem poucos investimentos vencendo em até dois anos e que a dívida de médio e longo prazo (dois a 30 anos) chega a US\$ 93 bilhões, quando as reservas internacionais do país são de US\$ 40 bilhões:

— A dívida líquida externa, portanto, é de US\$ 53 bilhões, de menos de 10% do PIB.

Malan também afirmou que a dívida interna é administrável, embora tenha crescido R\$ 41 bilhões, e que com superávit primário de 3,75% do PIB, a trajetória é de queda.

Em relação a medidas para conter o dólar, ele foi taxativo:

— Se alguém está achando que o governo vai fazer mágica ou pirueta, está enganado. O que temos feito é tentar explicar os indicadores da economia que mostrei aqui — completou.



FH em Guayaquil: "Mercado destrói rápido o que leva anos para se construir"

AFP

Editoria de Arte

## Os indicadores se deterioram

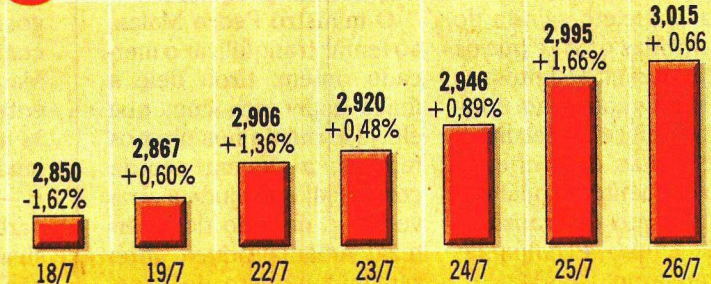


### RISCO-BRASIL

Taxa que representa quanto o país tem que pagar de juros sobre seus papéis além da taxa paga pelo Tesouro americano. Uma taxa de 1.991 pontos centesimais equivale a 19,91%.



### DÓLAR (em R\$)



FONTES: Bloomberg e CMA